



MALANJE

16/3/95

Milhares de sanzalas onde antes palpitou vida e ressoaram nas quebradas os batuques nocturnos, são hoje esqueletos ao vivo. As chuvas vão transformando em baba lamosa, que escorre, o que resta das paredes de adobes.

— *No fim das chuvas vamos fazer novos adobes e reconstruir* — dizem todos.

Uma rica oportunidade para nos ofereceres uma chapa de zinco...

Um belo projecto: a remessa dum contentor cheio das ditas...!

Tenho dito que estou cansado de contentores. Eles cansam mesmo! Mas se for o caso, irei com gosto arrancá-lo do porto, desová-lo, transportar para Malanje e fazer com que as «belas adormecidas» cheguem ao coração, digo, às casinhas de adobes.

Depois; outra vez os tambores em noites de magia!

De novo: as mi-bangas grávidas de mandiocas suculentas! E, ao romper da alba, nas capelas simples, os cânticos cristalinos.

20/3/95

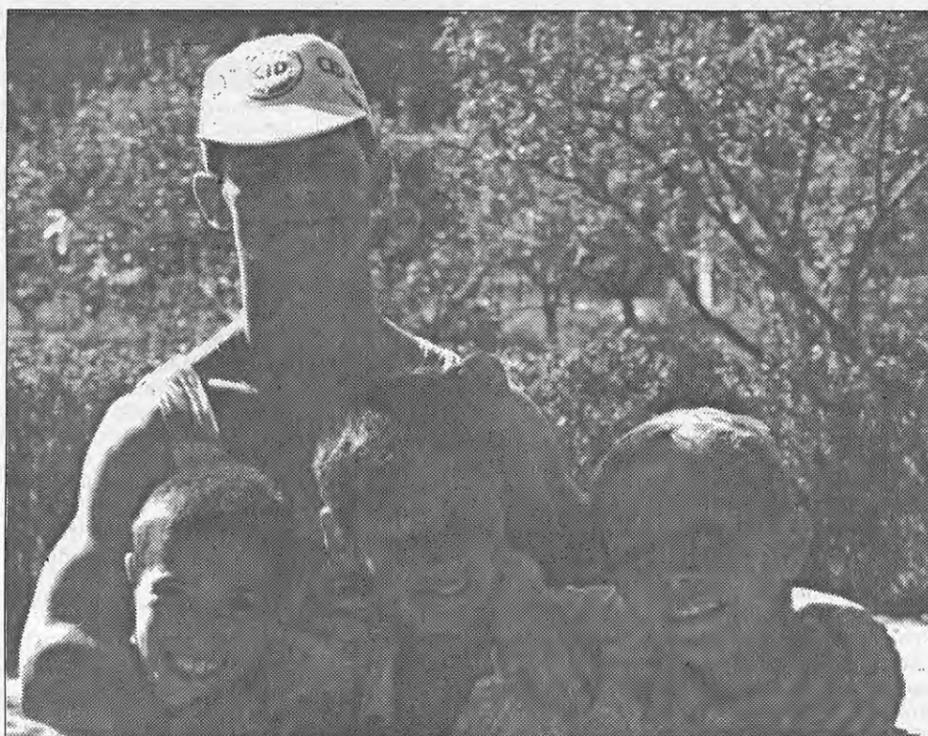
Mas virá, de facto, a paz? Todos os dias nos interrogamos. Um dia, sim... Outro dia, não... O caminho do perdão é longo e escabroso. Como quem sobe a um pico de montanha, só se vê a beleza quando se chega ao cimo.

21/3/95

Depois de três anos foi hoje a primeira vez que comemos bananas da nossa Casa! Cabuije com pintinhas — tão doces!

Um amigo, de Luanda, deu-nos um casal de cabritos; o nosso gaiato, o Neco,

Continua na página 4



Alegres porque estão em sua Casa

PASSO A PASSO

De como eles dão valor à sua mãe

ERA o dia do seu aniversário. O bolo estava sendo cortado de modo a chegar para todos...

Era o dia do Domingos. Desde a manhã que não calara: «*Eu hoje quero assistir à Missa!*» De todas as vezes que me cruzei com ele, vinha o pedido...

Eis chegada a hora. Hora para tudo. Momentos de encontro...

Todos juntos no salão, alegria e paz. «*Já vamos comer o bolo!*», diz o Artur. «*Bom, posso esperar mais cinco minutos*», adianta. «*Não importa, antes quero cuidar da minha alma!*», decide o Domingos. Era a Missa. Seguimos...

A grande preocupação nesse dia de anos. Lembrar a mãe, o pai, o irmão que já partiram. Aqueles que lhe deram a vida. E que vida, para sempre num carro de rodas!...

Faz-me impressão ver isto. Também o Artur fica profundamente tocado quando chega uma carta da mãe ou ela o visita. Quase nunca! Às vezes canta uma canção à mãe, que tem gravada numa *cassete*. E com que alma! O Artur, também ele muito marcado, num carro de rodas, abandonado à nascença no hospital onde veio à luz...

Também os pequenos de Paço de Sousa, os mais sedentos de afecto: «*A minha mãe vai-me trazer...*», confienciava o Rui. Ele que a mãe deixava em casa fechado, passando fome e medo ao lado do irmão um ano mais velho.

A mãe! O pai! A família! Quem não a tem como a ama! Estes! Ainda mais os que foram amados, os desprezados, os tolhidos...

Pobres de amor. Sequiosos de amor. Mas se sentem o seu bafo, tudo perdoam e deixam-se encher para o desejo repartir com aqueles que lho recusaram. E amam... Porque já são amados. O amor toca-os, vivifica-os, têm alguém que dá a vida por eles. — *Pedro, tu amas-Me?... Apascenta as minhas ovelhas. Dá a vida por elas, para que também elas possam ter Vida.*

Tão diferente daquilo que vemos no mundo! A loucura da Vida de Cristo e daqueles que o seguem... «*Segue-Me*».

Muitos dos que vêm conhecer o Domingos e o Artur têm pena! «*Coitadinho!*» Eu tenho pena quando entro em cemitérios de homens vivos onde a Vida não pode chegar! Os laços estabelecem-se pelos cifrões! Por isso são cemitérios. Podem ter muitas estrelas, mas quem neles habita não as vê!

Pai Américo um dia quis um lugar elevado onde a morte fosse vencida, e não vencedora, onde a cruz se levasse e não se arrastasse...

Padre Júlio

Processo de Beatificação de Pai Américo

PARTICULARMENTE de votos daqueles Santos de vidas escondidas que as «perderam» em continentes distantes como a Ásia ou América do Sul, de quem os homens tinham pouco para falar e Deus falou abundantemente na hora de os glorificar, também nós temos falado pouco do Processo de Pai Américo. Todavia ele tem andado sempre, em ritmo regular, depois

que de Roma veio o *nihil obstat* ao pré-processo proposto — e esta resposta foi muito rápida.

Ouvidas as testemunhas no Porto, em Coimbra e em Lisboa, o Processo está agora prestes a concluir-se com a reunião e classificação de todos os documentos. E aponta-se, para solenizar o fecho dele aqui e o seu envio para Roma, a data de 16 de Julho, trigésimo nono aniversário da morte de Pai Américo.

Aponta-se, digo, e muito se deseja que seja nesse dia pelo significado que ele tem. Porém, como há ainda muito trabalho a desenvolver pela abundância dos escritos, a notícia carece de confirmação e havemos de voltar a ela. Mas fica já esta chamada de atenção para os muitos que hão-de querer estar na Sé do Porto na tarde desse dia.

Padre Carlos

Festas

SETÚBAL

COM o mesmo conteúdo e idêntica expressão, as nossas Festas são matizadas por um sem número de surpresas reveladoras do Amor de Deus, sempre jovem, a passar pelo coração das pessoas, consoante a sua cultura, a formação humana e a profundidade da fé.

É a manifestação entusiástica e deslumbrante da vida autêntica que elas suscitam. É a estreita comunhão com as nossas alegrias, dores e denúncias. É a admiração jubilosa pelos verdadeiros prodígios realizados na Casa do Gaiato e postos em palco por crianças que ontem foram da rua e hoje são filhos muito queridos, anunciadores do desejo que têm de serem amados e da satisfação dos próprios anseios.

Em Leiria colhemos o interesse e o carinho do *Lions Club* daquela cidade, o qual se empenhou em vender a mil escudos toda a bilheteira e encher o grande teatro com a seguinte proposta: — *Quem não puder ir, mande outra pessoa ou dê o bilhete a um Pobre; e o determinante aviso: — Que ninguém deixe o lugar vazio.*

Iniciativas de companheirismo que roçam sentimentos evangélicos denunciadores da Presença de Deus, do interesse do Clube por toda a comunidade humana de Leiria e o claro pressentimento de que o espectáculo dos gaiatos é um dom a não desperdiçar!

O encanto sempre renovado vem daquelas ofertas sacrificadas e simples, como foram as caixas de alface, da pequenina horta, os molhos de grelos, e as maçãs vermelhinhas do fruteiro e outros indícios de que o óbolo da viúva se repete continuamente no Reino de Deus! Na linha da Nova Evangelização, em que o Padre Américo sempre viveu e a Obra da Rua se conserva, cristianizando as estruturas, a nossa Festa pretende ser uma pequenina luz e uma chamada à consciência, se são cristãos, a quantos ganham a Vida, cuidando dos sem-família.

O número de crianças da rua tem aumentado assustadoramente e isto deve-se ao facto de muitas serem filhos de gente que cresceu nos internatos, Casas Pias e outros colégios semi-oficiais onde foram simplesmente objectos de trabalho — «tidos e havidos por coisas», no dizer do Padre Américo; pessoas que hoje são instrumentos de comércio na imensa praga de *boites* que os governos têm autorizado por esse País fora, aliciantes e baixos chamarizes à vida nocturna, desgraçada doença do nosso tempo!

Tivemos de alterar algumas datas do espectáculo. *Peço especial atenção para Aveiro que será a 27 e não a 19 como havíamos anunciado.*

Falta-nos concretizar Barreiro e Sesimbra que serão a seguir.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

ANALFABETISMO — A mensagem de João Paulo II para a Quaresma/95 é rica em pistas de reflexão para cristãos e homens de boa vontade interessados pela vida dos Pobres.

Infelizmente, ainda somos um País com elevada taxa de analfabetos (a todos os graus). Sentimos o problema, pois somos abordados por gente que precisa de ajuda para escrever ou comunicar e são vítimas do analfabetismo. Normalmente, pessoas de estratos etários superiores a quarenta anos.

Ontem foi um. Hoje, outro. Amanhã... Assim, sucessivamente.

A maior parte destes simples cidadãos, nem todos falhos de *QI*, revelam já um tudo nada de *humilhação*... Analisando, porém, os motivos, as razões primárias da sua carência, sofreram desmotivações... em plena meninice.

«A fome de instrução não é menos deprimente que a fome de alimentos: um analfabeto é um espírito subalimentado» (Populorum progressio, 35).

«Esta terrível praga — afirma o Santo Padre — contribui para manter imensas multidões na condição de subdesenvolvimento, com tudo o que leva consigo de miséria escandalosa. Os numerosos testemunhos provindos de diversos continentes, bem como os encontros que tive ocasião de manter durante as minhas viagens apostólicas, confirmam a minha convicção de que, ali, onde houver analfabetismo, reinam, mais que noutra lugar, a fome, as doenças, a mortalidade infantil, bem como a humilhação, a exploração e todo o tipo de sofrimento.» Outro excerto, de João Paulo II: *«Um homem que não sabe ler nem escrever, experimenta grandes dificuldades para adaptar-se aos modernos métodos de trabalho; vê-se condenado a ignorar seus direitos e deveres. É um verdadeiro Pobre.»*

PARTILHA — Dez mil, da assinante 13329, Rua Júlio Dinis, Porto. Padrão da Légua: o mesmo, da assinante 22628, com votos de *«muita saúde, muita felicidade, paz em todo o Mundo e uma santa Páscoa»*. Coração grande!

Lisboa: cheque de dois mil, da assinante 19129, *«para ajuda da Festa Pascal»*, suplicando orações *«pelos relativos melhoras — já não devem ser por muito tempo — pois completei 90 anos e o Fim não estará longe»*. Bendito seja Deus!

Barcelos: outro cheque, da assinante 16415, com muita delicadeza d'alma. As *«habituais mensuralidades»* do casal-assinante 11902, do Fundão. Mais cinco mil, daquela tripeira que nos visita assiduamente. Pusemos na Mão de Deus as suas intenções.

E mais um cheque, habitual, da assinante 31104, de Lisboa, que afirma: *«Embora não seja muito — que é — dou com todo o amor um pequenino aumento. Fico a aguardar O GAIATO para sófregamente receber o alento das suas palavras»*. Por isso, o que dele transparece vem de Deus.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

RETIRO — Na Semana Santa, alguns rapazes participaram num Retiro em Azurara, que é a nossa praia. Outros, em Ermesinde. É sempre bom fazer uma paragem!

SILAGEM — Os homens do campo já ensilaram a erva. Os campos estão já preparados para serem lavrados, para a sementeira do milho!

OFERTAS — Uma Obra amiga e irmã tem-nos mandado bolos. Agradecemos imenso, por ser uma oferta tão doce!

OBRIGAÇÕES — Nós temos as nossas obrigações: Lenha, vacaria, tipografia, lavandaria, rouparia, horta, limpeza das casas, refeitório, copa, cozinha, etc. Cada um, sua tarefa. É daqui que aprendemos a ser responsáveis!

EXCURSÕES — Têm vindo, de várias Escolas Secundárias, Primárias, etc. Mas também recebemos outras, de paróquias, empresas, etc. Apareçam sempre que puderem!

HORTA — Já plantaram as cebolas, algumas bem grandes, mas outras ainda pequenas. Esperamos que fiquem todas grandalhonas. E dêem bom fruto.

JORNAL — Tem mais duas máquinas novas: uma de plastificar; outra de amarrar os jornais. Estamos a acabar uma edição e a começar outra, imediatamente! A nossa tiragem é muito grande!

ESCUTEIROS — Esteve connosco um grupo de escuteiros que organizaram jogos e partilharam connosco a sua amizade. Foi muito bom!

COZINHEIRO — Um senhor brasileiro veio cá, em 30 de Abril, fazer *hamburguers* para a comunidade. A malta gosta destas coisas, pois tem sempre muito apetite. Estavam tão saborosos! O nosso muito obrigado!

«Cato»

FUTEBOL — No último encontro da primeira volta do torneio, o adversário era o Parada. Não houve jogo porque só tinham aparecido quatro elementos da equipa. Resultado final: 3-0. Esta vitória foi dada pela organização do torneio, mediante o regulamento do mesmo. A dita equipa desistiu no momento do jogo.

A segunda volta começou da melhor maneira. Foi no dia 25 de Abril que teve início e como adversário o F. C. Barreiro (Cête). Um jogo em que a nossa equipa teve que trabalhar mais para conseguir a

vitória. Resultado final: 3-2.

Neste fim-de-semana prolongado houve muito futebol. O técnico dividiu o grupo em dois para dois encontros diferentes.

No sábado, os jogadores que habitualmente não são titulares defrontaram uma equipa da Maia. Prêlio bem disputado. A bola circulava em todo o campo. Ganhámos o jogo por 8-5.

Também deixaram umas sacas com roupas. Obrigado!

No domingo, para o torneio, o técnico (Lupricínio) apresentou uma *super-equipa*, jogadores escolhidos que se apresentaram na máxima força.

O adversário foi o F. C. de Cadeade (Paço de Sousa), ao qual não demos qualquer chance. O nosso guarda-redes (Deniz), para animar ainda mais o espectáculo, defendeu um *penalty*. Um jogo em que houve muitos golos e até alguns de belo efeito. Resultado final: 10-0. Mais uma vez demonstrámos garra e muita coesão no grupo.

Repórter X

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

ENCONTRO ANUAL — Temos andado ocupados com a compilação e análise do inquérito que enviámos aos associados, cujas moradas são conhecidas.

Da análise feita ressalta que o nosso Encontro Anual é necessário por ser uma forma de nos mantermos unidos, convivemos, sentimos a força do grupo, reencontramos amigos, partilharmos alegrias e preocupações, dificuldades e esperanças.

Caso não tenhas respondido e queiras ainda fazê-lo, não te acanhês. Preenche o inquérito e fá-lo chegar à Associação. Será sempre gratificante a resposta que darás. Ficaremos a conhecer um pouco mais o pensamento dos associados quanto à nossa acção e perspectivas futuras.

Em 11 de Junho será o Encontro Anual, em nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Pedimos que passes palavra a quantos gaiatos encontrares. Só assim faremos crescer a nossa Associação e proporcionaremos a outros a alegria sentida por nós em encontros anteriores.

O programa será o seguinte: 9.00 h — Concentração e acolhimento na Casa-Mãe, em Miranda do Corvo; 10.00 h — Abertura do Encontro — Exposição de fotografias; 11 h 45 — Ensaio dos cânticos da Eucaristia; 12 h — Eucaristia; 13 h —

Almoço; 15 — Tempo cultural; 16 h — Tempo de desporto; 18 h — Merenda; 19 h — Despedida.

Zé Martins

TOJAL

AGRICULTURA — Semeámos batata, plantámos alguns legumes e outras coisas indispensáveis no nosso dia-a-dia. Como somos muitos, precisamos de cultivar em quantidades adequadas. Recebemos também, da Módis, variada fruta e legumes. E de outras empresas e lojas. Muito obrigado.

PRIMAVERA — Está quase a acabar e, com ela, o terceiro período escolar. As formigas trabalharão ainda mais e as cigarras descansarão e cantarão também.

Cada dia que passa as nossas flores estão mais bonitas e atraentes, tanto para as pessoas como para os animais.

OFERTAS — É triste dizer, mas continuamos ainda com falta de iogurtes, adorados pela malta, e ainda por cima neste tempo. Quando chegar o Verão será pior. Nada como um iogurte para refrescarmos!

FUTEBOL — Praticamo-lo mais vezes, quase todos os fins-de-semana. Tanto os mais novos como os mais velhos.

Com certeza, no Verão, iremos jogar o desporto-rei mais vezes. Assim como a natação, na piscina. Depois de um dia de trabalho, nada melhor do que uns bons mergulhos.

MAIS DOIS — Chegaram mais dois.

São dois pequeninos. O mais velho dum terra perto da Lourinhã. Chama-se Jorge. O outro chora pela família, mas com o tempo habituar-se-á. Este é o Luís Carlos.

JARDINS — Continuam cada vez mais bonitos e expressivos, por estarmos na Primavera, época deles com flores multicores e árvores preciosas para podermos descansar à sua sombra.

VISITAS — Gostamos muito que nos visitem. Aos fins-de-semana recebemos muita gente e familiares dos nossos rapazes que ficam muito contentes. Por vezes algumas pessoas querem visitar a nossa Aldeia e temos rapazes para servirem de cicerones e mostrarem os diversos cantos da Casa, desde a cozinha até ao campo de futebol. Somos «A Porta Aberta».

Joaquim Miguel F. Pinto

Tiragem média
d'O GAIATO, por
edição, no mês de Abril:
73.033 exemplares.

«ANA LOURENÇA»



A sra. Ana Teixeira Fernandes, conhecida por *Ana Lourença*, fez 91 anos em 7 de Abril. Assinalamos a data pela longevidade e o amor que os vicentinos, da Conferência do Divino Salvador de Galegos, dedicam à macróbia.

Ela e os filhos tomaram conta de *sua casa*, uma das primeiras do Património dos Pobres, pela mão de Pai Américo, na década de 50. Está no Lugar das Alminhas, em Galegos. E o cunhal da moradia diz aos transeuntes que é a *Casa do Futebol Clube do Porto*. Ao tempo, o Clube das Antas também enfileirou na cruzada em marcha: *casas para os Pobres*. Um também com razão de ser, pois a cidade *mexeu-se* de alto a baixo, irradiando o

91 ANOS

calor da sua generosidade pelos confins do mundo português. Dando o Património dos Pobres, a partir daí, guardada a mais de 3.000 famílias sem-casa.

Recordamos Pai Américo a falar da sra. Ana, doutros que Deus já lá tem. Conhecia-os pelo seu nome. Como conhecia o número de degraus de cada *hotel* do Barredo, envoltos na escuridão. — *Agora, pára... Cuidado! Encosta-te à parede... Ainda faltam x degraus, para chegarmos ao calvário e encontrarmos (mais um) Jesus crucificado no Pobre que visitávamos.*

Em contraste com a

secura e repulsa do mundo, naquelas incríveis espeluncas da escharpa da Sé (Porto) a gente escutava, aqui e ali, da boca de gente cadavérica, moribunda por culpa da sociedade, Orações espontâneas que estremeciam a nossa alma, o nosso coração; com certeza prostravam o mais incrédulo. Somos testemunha!

Os servos dos Pobres, de Galegos, terra natal de Pai Américo, homens de calos nas mãos, gente de trabalho, alguns de trabalho duro, no domingo seguinte ao aniversário da sra. Ana presentearam-na, em *sua casa*, com um rico beberete. Até meteu champanhe! Ver a cara de todos, sentir a alegria e o amor de todos, foi uma imagem do Céu!

Júlio Mendes



MOÇAMBIQUE: A cruz não está ao centro, mas bem em cima da gente — foi a legenda que o Padre José Maria pôs.

Património dos Pobres

Comunhão fraterna

O grupo de jovens daquela freguesia informou, a pedir a nossa ajuda para solucionar uma situação muito aflita que encontraram na sua terra.

Dissemos que contassem connosco e fomos inteirar-nos.

Era mesmo ao pôr-do-sol daquele dia. Toda a gente nos soube indicar onde era. Depois do pequeno pinhal encontrámos o caminho indicado. Ainda ao longe avistámos um extenso cordão de roupa a enxugar. O nosso companheiro exclamou: — *Aquela roupa fomos nós que lhe demos!*

Mal parámos, veio ao nosso encontro uma mulher delicada com um dos filhos pela mão. Era quem procurávamos. Com muita simplicidade contou a sua vida. É doente da coluna — a que já foi operada várias vezes. É divorciada, pois «o meu marido só bebia e tratava-nos mal. Não o pudemos aturar mais tempo. Fiquei

com os meus quatro filhos, que são os meus amores».

Entrámos na barraca, por sua mão, composta de três divisões. O chão é de terra batida. O tecto são telhas e latas. Não tem electricidade nem água. Um alcatifas junto das camas arrumadinhas. A divisão que serve de cozinha tem tudo no seu lugar.

Fiquei maravilhado com aquele asseio. Pobreza sem cheirar a miséria. Feliz pobreza quando assim é. Por vezes há quem confunda pobreza com miséria. E elas são tão diferentes!

O filho que estava com a mãe é o mais novo e anda na escola. Dois são aprendizes na oficina da terra. Outro frequenta o Seminário Menor e Deus o ajude a ser sacerdote.

Ao lado vive a mãe que também apareceu. Um grupo de amigos comprou aquele terreno e mandou construir uma casa que lhe ofereceu. Nomeou os senhores importantes, daquele tempo, que a ajudaram. «O terreno livre dou-o à minha filha para a casinha que lhe vão fazer.»

Foi um fim de dia muito feliz. Estes dias felizes fazem esquecer muitos outros que são pesados. A simpatia que notámos em todos a quem perguntámos por aquela família. O amor daquela mãe a ceder o terreno à filha. Os jovens de porta em porta a angariar o suficiente para as despesas que a habitação vai custar. O pároco da freguesia a animar a todos na campanha. O Povo a aparecer de mãos dadas para aquela necessidade.

Fiquei mais uma vez com a certeza de que quando as mãos se unem não há nada que se não faça, quer para bem quer para mal. Temos topado na vida muitas coisas maravilhosas feitas pelas mãos dadas do Povo.

Tinha razão Padre Américo quando aconselhou: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres». Damos testemunho de muitas habitações que em Portugal se têm construído para necessitados delas. Esperamos que este Povo depressa construa a casa e a ofereça àquela família que nos pareceu digna dela.

Padre Horácio

Tribuna de Coimbra

Educar é tarefa nobre e delicada

À porta do escritório — um bater constante — alguém, de leve, bate. Gesto obscuro de

companheiro seu, de idade e tamanho, trouxe um pequenino queixoso. Nascido, como o seu companheiro, em ambiente marcado pelo palavão e outros quejandos promíscuos, traz consigo o vício da escola da rua.

Os dois diante de mim, mais não medem que um palmo, mas encerram uma grandeza de respeito. Ao meu coração assomam imagens que tantas vezes as «Tevês» fazem passar diante dos seus olhotos inocentes, mesmo antes de encomendarem o vitinho ao aconchego do sono...

Pensei que daí tivesse passado a «lição». Mas não. O acusado foi repreendido na presença do seu pequenino companheiro, ofendido. Contudo os seus olhotos não nos fitavam, colados que estavam ao chão: — Quem te ensinou isso?... Um companheiro mais velho; porventura, outro da sua idade e tamanho — pensei, que a resposta ficou no silêncio.

Era preciso corrigir, concordava a minha consciência. «Ele fez assim...», argumentava o ofendido, com gesto concertado e tudo. Já o castigo estava assente, quando ele levanta os olhos do chão e nos meus desabafa triste: «Era o meu pai que fazia assim à minha mãe...».

Desconcertados e sem horizonte certo, caíram os meus no chão. Abracei o acusado com um desejo imenso de lavar a culpa que não tem. Será que o perdão chega a tempo?

Convidei os dois a perdoarem-se mutuamente e aprenderem a perdoar aos outros. Uma amêndoa a cada... e pronto.

Educar é tarefa tão nobre e delicada que às vezes parece-nos ideal difícil de atingir. Se hoje são tantos, e alguns bem nocivos, os meios que informam a criança e, nem é preciso enumerá-los, não são menos preocupantes a demissão ou a inconsciência de tantos que têm por missão educar, na escola e na família. Já se disse, tanta vez, nunca será demais repetir, uma criança não é uma coisa ou um brinquedo abandonado à selva do capricho mas, alguém, pessoa que nos estende a mão numa aprendizagem sublime que o leve um dia a estender também a sua aos Outros.

Padre João

Uma carta

Procuo as notícias d'África

«Gostaria de poder dar muito mais, mas sou viúva, aposentada, e não sei o que o futuro me reserva...»

Todas as vezes que recebo O GAIATO o meu olhar procura as notícias que nos chegam de África e, então, uma avalanche de sentimentos contraditórios se desenvolve dentro de mim.

Recordo os nossos que ali deixaram os seus haveres, regressando à pátria velhos e na maior miséria e vejo essas crianças esqueléticas que diariamente morrem de fome ou pela guerra fratricida. Mas, de tudo isso, ressalta a heroicidade dos Padres da Rua que tudo sacrificam para conquistarem almas para Deus e fazerem homens dignos para a sociedade.

Assinante 16567»

DOCTRINA



As Obras de Deus não podem cooperar no mal do mundo.

SE alguém, com inteligência e com prestígio, quisesse fazer no mundo algo de grande e de construtivo, podia gastar a sua vida, proveitosamente, a bem das almas, combatendo a imoralidade. Não, por certo, criando Rodas e Asilos para amparar o fruto do pecado, mas sim criando leis sumárias, punitivas, sem recurso nem apelo. Uma lei do Estado, nua e crua, rápida e severa, que chamasse num instante à responsabilidade e que dentro do mesmo tempo obrigasse o homem e a mulher a manter o filho clandestino. Primeiramente o homem, porque mais forte; e depois a mulher. Esta lei não endireitava o mundo, mas dificultava o crime, porquanto é certo que o medo tem sua força.

A Obra da Rua tem a seu cargo e por sua conta a Casa de Repouso do pequeno pobre, nome indicativo da sua finalidade. É para acudir ao pequeno fraco, impedir que ele venha a sofrer da tuberculose e dar lugar a outros pequenos. Assim foi pautada e assim tem de ser conduzida, a Obra.

MAS ele há uma tal quantidade de crianças «espon-tâneas» e vem de tão longe o costume de as botar na Roda, que se algum pobre mortal se decide abrir Casa a bem dos filhos do Pobre, vem logo a opinião pública impor-lhe a obrigação de receber também os filhos da moínice! Eu que sou esse pobre mortal, tenho sido furiosamente atacado com balas numerosas e piedosas e só pela muita violência que a mim mesmo faço, é que não tenho caído no chão: «Tenha pena do menino!» Tem-se levado a ousadia a pontos de conduzir crianças e deixá-las ficar à porta da Casa como fizeram recentemente com uma, mandada de Coimbra na companhia não sei de quem: «Ande, senhor Padre, que o menino não tem culpa!»

ESTA santa e fácil maneira de dizer as coisas, encobre culpas de todos; e se alguma verdade encerra, esconde outra bem maior. A virtude tem sua hierarquia. Antes da Caridade está a Justiça. Se o menino não tem culpa, nem eu. Chame-se e obrigue-se quem na tem. Os nossos passos que por falsa caridade se perdem, a bem desta classe de crianças, devem ser dados por quem de direito; e assim entram as coisas no seu lugar com todo o seu rendimento — Justiça.

O menino que, piedosamente, se foi entregar à Casa do Gaiato para ficar, tem a história de milhares deles, de uniforme e com assinatura nas casas do Estado. Indaguei pessoalmente. É filho de uma criada de servir, a qual criada já teve outro menino depois deste e deve andar a estas horas a enfeitar-se para nova e auspiciosa aventura, amparada como se encontra pela caridade do mundo, que não tem nada de comum com a de Cristo Jesus. E se houvesse, para estes casos, lei que obrigasse quem se não obriga em consciência? E se a opinião pública, nestes casos, se voltasse e revoltasse contra os responsáveis, deixando em boa paz quem procura trabalhar a sério?

QUANTO mais casas se abrirem e quanto mais leis se fizerem a proteger a criança, mais lugares hão-de ser solicitados, desde que se olhe mais para o «menino que não tem culpa» do que para o homem e para a mulher que a têm toda. E as casas já criadas e as leis já feitas são, por natureza, incitamento ao crime, porquanto nelas se recebe, sem discutir nem reagir, o filho clandestino, em lugar de os filhos das famílias pobres.

EM nome de Deus, solenemente, quero declarar hoje, aos amigos da Obra, que ela foi criada e lançada para amparar dignamente o filho da família pobre. E que, se eu não puder vencer o costume e a opinião e a caridade do mundo — os três inimigos das Obras de Deus — fecho a porta, entrego a chave, dou as boas noites e vou-me embora.

O. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Incógnita é a noite
Que cai sobre as flores
Dos jardins e dos campos
Com ninhos brandos.

Mas... a noite existe?
Ou é a minha sombra
Que se projecta triste?

A minha cabeça
Fumega e relanpeja.
Os meus olhos
São doces ondas
Que reanimam
Os vivos-mortos!
A vida mais a morte perfilham
Os meus sonhos!

O pedinte ferido
Pede-me pão e vinho.
As cidades são normais?
São dolorosos hospitais.

Agora chove.
Sou eu que choro
Por o teu materno ventre
Estar de mim ausente.

Manuel Amândio

ENCONTROS em Lisboa

A miséria continua a sua marcha alargando o seu cortejo de vidas destruídas

ESTA semana chegou o Luís Paulo. Quatro anos e todos eles marcados pela rejeição, carências afectivas, educativas e alimentares. Tem longa aprendizagem de cafés e bares com a sua linguagem bem marcada e resumida em tudo o que se pode imaginar. Nem hábitos nem regras... Quando o peguei ao colo fui servido por umas rajadas de murros na cara que até os óculos saltaram e mimado com todos os elegantes nomes da linguagem de viela. Com ele ainda ao colo e tentando interessá-lo em alguma coisa fui pensando que ele tem muita razão em bater-me daquela maneira e dizer-me tudo o que disse... Só tenho pena que os seus murros não atingissem mais gente e as suas palavras não fossem ouvidas por uma multidão que anda

adormecida, na envolvimento quotidiana, sem nunca pensar em mais nada do que em si própria (narcisismo quanto basta). É que o Luís Paulo tem atrás de si longa história. Começa na bisavó, primeiro actor ainda vivo de todo este drama reproduzido.

É assim: a bisavó, na sua vida errante, teve três filhos, dois rapazes e uma menina. Os rapazes foram vivendo também por aqui e por ali, sem rumo, nem escola nem emprego, tornando-se toxicod dependentes e traficantes e fazendo algumas férias na prisão. A menina que virá a ser avó, muito nova, foi experimentando companheiros. Um, com quem chegou a casar, deu-lhe uma menina; mas, também no desemprego e com influências foi para a traficância da droga e, com o decorrer dos tempos, a cadeia,

fazendo agora um estágio de sete anos. A avó, remediando o sucedido, arranja novo companheiro, passando a ser ameaçada de morte pelo marido na cadeia e pelos familiares deste, decidindo refugiar-se num país estrangeiro. A menina que se tornou mãe, aos 16 anos tinha companheiro que foi de curta duração, tendo encontrado logo outro, também ele toxicod dependente e desempregado. Nasceu este meu menino a quem foi dado nome de pai e de mãe. Cedo se descobriu que o pai não era o que estava na cédula, mas outro. Mãe e filho na rua. Peço que me deixem ao menos uma direcção onde possa recorrer. Não há nome de rua, apenas isto: — *Na localidade tal pergunte onde é a 'casa das meninas' que lá saberão por onde anda a mãe.*

Três gerações de vidas perdidas. Por três gerações a miséria reproduzida. Em três gerações não houve ninguém que desse a mão e estancasse este ciclo reproduzido.

Entretanto, muitas reuniões se realizaram sobre os males do nosso mundo, muitas homilias lançaram impropérios, muitas opções pelos Pobres se fizeram. A miséria continuou a sua marcha alargando o seu cortejo de vidas destruídas. Desejava que os pontapés do Luís Paulo tivessem o condão de bater nas consciências e sacudir tanta pessoa distraída da sorte dos seus irmãos. Isto podia realizar-se na roda da vizinhança, se a vizinhança tivesse coração e um pouco de capacidade para ver a desgraça alheia. Perdemos demasiadas oportunidades para salvar pessoas. Temos a nossa pequena vida e contentamo-nos com ela. Falta a capacidade de risco que sempre caracterizou os santos e os profetas.

Para meu alento lembrei-me do parafítico do Evangelho que esperou 38 anos por uma mão amiga. Deus nos ajude a estancar esta reprodução da miséria ao acolhermos o Luís Paulo que, para já, está com algumas dificuldades.

Padre Manuel Cristóvão

BENGUELA

Chegou um contentor de Porto de Mós

ONTEM, o assunto da nossa conversa, à noite, com toda a

família reunida, foi o contentor acabado de chegar há poucos dias. A estas horas da manhã, anda um grupo de rapazes a transportar as coisas para os seus devidos lugares.

Antes de mais, queremos agradecer a todas as pessoas, das bandas de Leiria, Porto de Mós e outros sítios, tudo quanto fizeram por nós e por aqueles que andam ligados a nós. Chegou tudo muito bem e já começámos a aproveitar do que nos mandaram. Não posso nomear pessoas porque desconheço quem foi a alma do movimento. O mais importante, porém, é o bem que nos chegou, extensivo aos filhos e às mães que nos procuram todos os dias. A motorizada veio ajudar-nos a resolver um problema urgente de transporte. Numa palavra: Notámos que tudo foi dado com carinho, com o coração e com a cabeça, pois não há coisas inúteis, o que, por vezes, acontece em campanhas semelhantes. Ajudar bem não é tarefa fácil. Só o amor verdadeiro sabe pôr as coisas no lugar certo. Ficámos todos mais enriquecidos: quem deu e quem recebeu. E no dar as mãos que os problemas se resolvem com dignidade. Obrigado!

A nossa conversa, à noite, em família reunida, como dizia no princípio, foi este contentor. Quem não tem nada pode perder a cabeça diante da abundância momentânea. Não queremos que os nossos rapazes percam o sentido das suas raízes. Vieram do nada e a lembrança donde vieram há-de ajudá-los a ser humildes e a manterem-se solidários com a maioria absoluta dos que continuam sem nada. Mais: ao saberem que são amados por quem nunca os viu, deve levá-los a alargar os seus corações não só para aqueles que conhecem como também para aqueles que

não conhecem — mas sabem que precisam deles. Os filhos precisam de ser educados pelos pais na prática da solidariedade. É um mundo novo que está a nascer e queremos que façam parte desse mundo novo.

O povo de Portugal tem acompanhado a vida da Obra da Rua em África como a menina dos seus olhos. As Casas do Gaiato ocupam um lugar privilegiado em seu coração. Em qualquer parte onde se encontrem. Isto é bonito! É um testemunho inequívoco da universalidade do amor. É uma herança que Pai Américo semeou e cujos frutos estão à vista. Bem haja!

A paz parece estar mais perto

Estas notícias consoladoras são verdadeiro lenitivo para as grandes aflições do dia-a-dia. As cozinhas comunitárias desta zona acabaram. Nelas se confeccionavam refeições diárias para os famintos dos bairros. Aquelas foram-se, estes ficaram. O verdadeiro alívio só chegará quando os caminhos para as zonas do interior forem abertos e forem levantadas as minas semeadas, aos milhares. Nova luz foi acesa no fundo do túnel. Nova esperança nasceu. A paz parece estar mais perto. Estão a ser dados passos concretos nessa linha. Até lá, entretanto, muitas vidas vão sendo engolidas pela fome e pela doença. Há três anos que não me acontecia estar impossibilitado de dar a refeição diária aos trabalhadores que vivem connosco por falta de quê. Durou uma semana este pesadelo. Não houve porta que não fosse batida. E nada! A esperança, contudo, não morre.

Hoje é feriado. A escola fechou. Estou a escrever estas notas ao som da alegria das brincadeiras dos rapazes. Não queremos que o seu crescimento seja perturbado.

Padre Manuel António

Família para os sem-família

«Nós somos uma palavra nova.»

Esta afirmação que Pai Américo repetiu tantas vezes depois que as primeiras Casas do Gaiato foram fundadas, ainda hoje, mais de cinquenta anos volvidos, tem actualidade. Digo-o em face de tantas perguntas que pessoas comuns e outras mais debruçadas sobre o mundo da pedagogia fazem acerca de métodos e regulamentos por que nos regemos; e da surpresa quando lhes declaramos a inexistência de tais artificios. Até! a resposta mais persuasiva consiste na inversão da pergunta: — *Como fazeis nas vossas casas?*... e deixá-los concluir.

Estas interrogações, esta surpresa reflectem uma tendência infeliz para complicar as coisas simples e uma falta de confiança nos valores da Família. Pai Américo, não. Acreditou que «todo o regresso a Nazaré é progresso» e foi por esse caminho, buscando nas suas recordações de filho de uma família numerosa e sã a sabedoria necessária para resolver todas as hesitações do percurso. E é por aqui que vamos, sem métodos especiais nem regulamentos complicados.

O último que chegou, veio de Setúbal, do limiar da marginalidade. Porque adolescente de quase 14 anos, embora franzino, fiz resistência a quem me pediu por ele, pouco crédulo na sua capacidade de adaptação. Ele viveu a infância por «famílias de acolhimento» que, naturalmente, o rejeitavam quando a pensão deixava de compensar as

dificuldades do seu trato. Um argumento forte foi ele mesmo que o deu, ao pedir que lhe arranjassem uma instituição, cansado da instabilidade do remédio que até agora lhe tinham ministrado. Recomecei que o levassem ao Padre Acílio para ele ver o caso e me dar sua opinião — e deu-me: «*Parece-me de tentar. Ou já, ou nunca.*»

O rapaz veio. Julgo que ultrapassou o choque inicial com uma vida sem regulamentos, sim, mas com regras: Escola e trabalho — choque naturalíssimo para quem vinha de uma vida *ao deus-dará*.

Um dia destes perguntei-lhe:

— Já gostas de nós?

— Gosto.

E com um beijo selámos a declaração.

É deste gosto simples, necessário a quem, «não tendo lareira, não perdeu o sabor dela», que depende o crescimento harmonioso deste adolescente e a nossa possibilidade de cumprirmos o objectivo: «fazer dele um homem».

Se houvesse alguma dúvida sobre o acerto do caminho..., este domingo (tantos dias semelhantes de frutuosa colheita, bendito seja Deus!) bastava para a apagar. Na velha Igreja Paroquial onde casei o nosso primeiro «Trofa» e baptizei os filhos e os casei, baptizo agora os netos. Quatro gerações «reunidas no amor de Cristo», primeiro junto do Altar, depois em volta da mesa familiar. Que dia feliz! «Como a Família é verdade!»

Padre Carlos

MALANJE

Continuação da página 1

um casal de gansos e um leitão «duroc»; outro gaiato, o Zé, um de patos.

A arca de Noé! Só que virá pelo ar sulcando o céu! Sementes de fertilidade...

Compreendo hoje melhor os símbolos que os nossos antigos gravaram nas cornijas das capelas.

— *Qual cabrito? É um grande bode!*, disse-me o ofertante com um sorriso. Povoamento à vista... Pensei.

Coelhos já temos. Uma lindeza!

E rolas? É bom nem falar... O primeiro grupo que veio, armadilhas com fios em tudo o que era sítio... Gaiolas cheias! Como conseguem? É o fim do mundo!, e hora do ponto final.

30/3/95

Faz pena que os homens não saibamos viver num mundo tão bonito! E amá-lo! E contemplar com alegria todas as suas maravilhas!

Complicamos tudo... Somos nós próprios que no meio de tantas belezas geramos infelicidade para nós e os outros. Deixamos que os nossos instintos nos cavalguem e ficamos burros dóceis em suas mãos violentas, ou ambiciosas, ou sensuais...

Anda burrinho de olhar no chão... Para ti não há estrelas, nem montanhas nem pássaros... Somente, chão e cevada suja pelos teus próprios lixos.

Padre Telmo

FESTAS

Continuação da página 1

13 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Incrível Almadense — **ALMADA**;

19 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Incrível Almadense — **ALMADA**;

20 de Maio, às 21,30 h. — Fórum Luiza Todi — **SETÚBAL**;

26 de Maio, às 21,30 h. — Sociedade Amut — **SARILHOS GRANDES**;

27 de Maio, às 21,30 h. — Teatro Aveirense — **AVEIRO**;

2 de Junho, às 21,30 h. — Salão dos Bombeiros Voluntários — **PINHAL NOVO**;

3 de Junho, às 21,30 h. —

Clube Recreativo Piedense — **COVA DA PIEDADE**;

10 de Junho, às 21,30 h. — Gil Vicente — **CASCAIS**.

Padre Acílio

LISBOA

Já realizámos três. Agora, neste fim-de-semana, será em Loures e Odivelas.

A chegada dos «artistas» há sempre muitas perguntas dos rapazes que ficam em Casa: — *A sala estava cheia? — Correu bem?*

Na Festa do dia 30, em Lisboa, estávamos com um bocado de receio pois era um fim-de-semana longo. Apesar disso, por amor à nossa Obra, os Amigos não deixaram de nos acompanhar. Nos corredores ouviu-se dizer que preferiram deixar os filhos ir à terra do que faltar ao nosso espectáculo.

Todas as Festas têm sido

boas. Até agora não há razão de queixa, tanto da nossa parte como do público que tem sido maravilhoso. Esperamos que seja assim até ao fim e corra tudo bem.

13 de Maio, 15,30 h. — Cine-Teatro de Loures — **LOURES**;

14 de Maio, às 15,30 h. — Ginásio do Instituto de Odivelas — **ODIVELAS**;

21 de Maio, às 15,30 h. — Auditório da Paróquia de Rio de Mouro — **RIO DE MOURO**;

28 de Maio, 15,30 h. — Club de Algueirão — **MEM MARTINS**;

4 de Junho, 15 h. — Cine 351 — **LOURINHÃ**;

11 de Junho, 15,30 h. — Salão dos B. Voluntários — **TORRES VEDRAS**.

Joaquim Miguel F. Pinto